

REALISMO FANTÁSTICO: PSEUDOCIÊNCIA E HISTÓRIA SOCIAL

Fantastic realism: pseudoscience and social history

Janluis Duarte*

RESUMO

O presente artigo busca fazer uma análise histórica dos antecedentes e do sucesso, a partir da década de 1970, de um gênero literário que ficou conhecido como realismo fantástico. Tais obras apresentam um passado alternativo da humanidade, baseado naquilo que chamamos de teorias dos “antepassados superiores” e dos “antigos astronautas”, e concluímos que sua popularidade e persistência se deu, a partir de circunstâncias sociais específicas do período do pós-guerras.

Palavras-chave: Pseudociência. História. Literatura. Pós-guerras.

ABSTRACT

The present article seeks to make a historical analysis of the antecedents and success, from the 1970s, of a literary genre that became known as fantastic realism. These works depict an alternative past of humanity, based on what we call theories of “superior ancestors” and “ancient astronauts,” and we conclude that their popularity and persistence came from specific social circumstances in the postwar period.

Keywords: Pseudoscience. History. Literature. Postwar.

* Professor na Universidade de Brasília, Brasil. Doutor em História Cultural pela Universidade de Brasília. Ex-professor de História Contemporânea e Teoria da História, nas Faculdades Unidesc e JK. E-mail: janduarte63@gmail.com

Revisor técnico: Isabete Polidoro Lima

Data da submissão: 10/9/2017

Data do aceite: 24/10/2017

Última alteração efetivada em: 24/10/2017

Introdução

Desde meados da década de 1960, e ao longo da década de 1970, o mercado editorial do Ocidente foi invadido por um novo gênero de obras, que foi denominada por alguns de seus autores – como o francês Jacques Bergier – de *realismo fantástico*. Não se deve, porém, confundir o assunto dessas obras com o realismo mágico, também chamado por alguns de realismo fantástico, celebrizado por autores como Gabriel Garcia Marques ou Jorge Luis Borges. Enquanto esta última corrente literária utilizou elementos sobrenaturais ou mágicos, para criar uma alegoria da realidade, aquela buscou a interpretação de acontecimentos do passado da humanidade, a partir de bases e suposições que divergiam bastante daquilo que era afirmado pela ciência oficial. Sua temática, portanto, não buscava a crítica social, mas simplesmente apresentava uma versão alternativa do passado, que seria melhor definida como pseudo-história ou pseudoarqueologia.

De modo geral, contudo, a tentativa de descrever um passado fabuloso da humanidade não é recente. Um exemplo clássico é o continente perdido da Atlântida que, desde sua apresentação por Platão, no século IV a.C. até os dias atuais, rendeu vários milhares de títulos, dos quais uns poucos representaram pesquisa séria sobre o assunto. No entanto, antes da década de 1970, poucos desses títulos foram efetivamente levados a sério ou atingiram uma vendagem expressiva. No período ao qual me refiro, obras que buscavam reinterpretar o passado da humanidade, ou sua própria origem, foram alçadas ao patamar de *best-sellers* e tiveram várias reimpressões e reedições. Ao menos momentaneamente, transformaram alguns de seus autores em celebridades, cujas teorias passaram a ser aceitas pelo público leigo, como mais coerentes, válidas e verdadeiras do que aquelas apresentadas pela ciência.

A meu ver, existe uma explicação para esse fenômeno que é, essencialmente, histórica e social. Baseia-se no contexto sociocultural específico da Europa do pós-guerras e do Ocidente, de forma geral, mergulhado no imaginário da Guerra Fria. Centra-se, portanto, no surgimento de um conjunto de representações específicas, a partir do qual surgiram igualmente anseios, dúvidas e temores, em uma geração para a qual as antigas certezas, que fundamentavam suas representações anteriores, deixaram de existir. Neste artigo, partirei da análise de algumas dessas obras, dividindo-as em dois eixos temáticos principais, para então me aproximar do contexto histórico que deu origem à sua popularidade.

1 A história desconhecida da humanidade

Os livros que apresentam um passado fabuloso da humanidade podem ser divididos em duas categorias: há aqueles autores que defendem que teria havido um povo ou civilização anterior à atual, a qual teria sido destruída por algum tipo de cataclismo, mas teria deixado evidências de sua existência, em lendas, mitos, construções e objetos encontrados em todo o globo. Estes afirmam, de modo geral, que tais cataclismos teriam sido provocados pela própria humanidade da época. Outros autores se utilizam basicamente desses mesmos “vestígios”, mas defendem que eles seriam o resultado de nossos antepassados terem sido visitados e influenciados por seres extraterrestres.

A primeira dessas categorias tem suas raízes na própria Atlântida de Platão, citada primeiramente em seu diálogo *Timeu* e depois descrita minuciosamente no *Crítias*. Embora haja muitas divergências acadêmicas a respeito da datação real desses diálogos, sua datação dramática – ou seja, aquela que é atribuída pelo próprio Platão – os situa logo após debate ocorrido em *A República*. Dessa maneira, embora apenas Sócrates seja personagem comum aos três diálogos, o autor parece tê-los escrito de forma a que um complementasse as ideias contidas no anterior.

É no *Crítias* que surge a descrição clássica da Atlântida, conforme se fixou no imaginário contemporâneo: uma grande ilha, “maior do que a Líbia e a Ásia juntas” (PLATÃO, 2011, p. 220), situada no oceano Atlântico e que

produzia tudo em abundância, e, no que respeita aos animais, alimentava convenientemente os domesticados e os selvagens, incluindo a raça dos elefantes que nela existia em grande número. No entanto, havia também pastagens para os outros seres-vivos, tanto os que viviam nos pântanos, nos lagos e nos rios, quanto os que pastavam nas montanhas e nas planícies – havia em abundância para todos eles, e também na mesma medida para este animal, que era por natureza o maior e o mais voraz. Além disto, criava também diversos aromas, que actualmente a terra tem aqui e ali, de raízes, folhagens, madeiras ou sucos destilados de flores ou de frutos – isto produzia e criava a ilha em abundância. Mais ainda: frutos cultivados, secos e tudo quanto usamos na alimentação e de que aproveitamos o grão – chamamos leguminosas a todas as suas variedades –, os frutos das árvores que nos fornecem bebida, comida e óleo, os frutos que crescem em ramos altos, os quais são difíceis de armazenar e que usamos apenas por prazer e divertimento, e tudo quanto oferecemos como estimulante desejável depois da ceia a quem sofre por estar cheio – naquela altura, a extraordinária ilha, que então estava sob o Sol, fornecia todas estas coisas belas e admiráveis em quantidade ilimitada. (PLATÃO, 2011, p. 223-224).

Na fértil Atlântida, no entanto, e ao contrário do que veio a se disseminar popularmente em tempos mais atuais, a descrição de *Crítias* não coloca como habitantes nenhuma raça de seres super-humanos, ou alguma civilização avançadíssima. Ao contrário, a descrição do povo, da organização das cidades e dos seus costumes corresponde aproximadamente à Atenas do tempo de Platão, ou pelo menos àquela que ele considerava como modelo ideal, assemelhando-se às ideias contidas em *A República*. Tanto é assim que a tentativa de invasão atlante, nove mil anos antes da data em que teria havido o diálogo, teria sido repelida pelos antepassados dos atenienses, pouco antes de a ilha ser tragada pelo mar “por causa de um sismo incomensurável e de um dilúvio que sobreveio num só dia e numa noite terríveis”. (PLATÃO, 2011, p. 89).

Na verdade, Rodolfo Lopes, na sua introdução à edição da Universidade de Coimbra dos diálogos, aponta vários aspectos que configurariam a descrição da Atlântida como uma colagem de elementos conhecidos de Platão:

[...] a incomensurável fertilidade das terras da Ática primeva que reduzia ao mínimo o trabalho agrícola relembra inevitavelmente a Idade do Ouro de Hesíodo; ou o próprio nome “Atlântida” e a sua localização para além dos confins do mundo conhecido (isto é, o Estreito de Gibraltar) que recupera a ilha da filha de Atlas referida na Odisseia. No domínio da história, a presença de Heródoto é também evidente: os anéis que estruturam a principal cidade da Atlântida evocam a descrição do aparelho defensivo da cidade persa de Ecbátana; o modo como os canais da planície daquela ilha estavam arquitectados traz à memória a descrição da planície mítica que constituía o centro da Ásia; a assembleia dos reis tem muitas semelhanças com um ritual característico de uma monarquia egípcia. Além disso, encontramos também elementos da própria cultura ática na construção da Atlântida [...]: a divisão decimal do território, os edifícios defensivos que fazem lembrar o Pireu e até o próprio templo de Posídon muito semelhante ao Pártenon. Finalmente, são também sugestivas as semelhanças entre a estátua de Posídon que estava dentro do seu templo e a Estátua de Zeus em Olímpia. (PLATÃO, 2011, p. 60).

Portanto, nada leva efetivamente a pensar que o relato sobre a Atlântida, contido no *Timeu* e no *Crítias*, seja algo além de uma alegoria do filósofo, para ilustrar suas ideias sobre a natureza dos homens e de suas formas de governo e organização. No entanto, em diferentes épocas houve também diferentes interpretações sobre a veracidade da existência da ilha. Ainda

na Antiguidade clássica, Crantor defendia a veracidade do discurso de Clírias, ao passo que Estrabão afirmava que Platão inventara a Atlântida e que ele mesmo¹ a fizera desaparecer. Durante a Idade Média, a fabulosa ilha de Platão esteve razoavelmente esquecida, mas o advento dos descobrimentos portugueses e espanhóis, a partir do século XV, renovou o interesse em tentar localizá-la, o que deu origem, nos séculos seguintes, a muitas teorias, mais ou menos científicas, que resultaram apenas na possibilidade de situar a Atlântida em praticamente qualquer lugar do mundo.

Contudo, resta analisar como a descrição de uma potência marítima, comercial e guerreira, semelhante a várias outras que existiram na Antiguidade, deu origem à ideia dos “antepassados superiores”, ou seja: de uma humanidade anterior à nossa, com elevado nível tecnológico e capaz de proezas que ainda não estão ao alcance da ciência atual.

Em 1882, Ignatius Donnelly, um político, escritor e cientista amador norte-americano, publicou *Atlântida: o mundo antediluviano*, obra com a qual pretendia não apenas provar a veracidade da descrição de Platão, mas ainda demonstrar uma série de afirmações sobre o passado da humanidade, entre as quais:

Que a Atlântida foi a região na qual o homem pela primeira vez ergueu-se da barbárie para a civilização. Que ela se tornou, ao longo das eras, uma nação populosa e poderosa, que atingiu as costas do Golfo do México, do Rio Mississippi, o Amazonas, a costa do Pacífico da América do Sul, o Mediterrâneo, a costa oeste da Europa e da África, o Báltico, o Mar Negro, e o Cáspio. [...] Que os deuses e deusas dos antigos gregos, fenícios, hindus e escandinavos foram simplesmente os reis, rainhas e heróis da Atlântida. (DONNELLY, 1882, p. 1-2).

O livro de Donnelly tornou-se bastante popular, embora tenha sido imediatamente refutado pela academia, e lançou a ideia de que todas as catástrofes descritas em textos sagrados ao redor do mundo, como o dilúvio bíblico, grego e sumério, eram lembranças confusas de um único evento: a catástrofe que destruiu a Atlântida. Mais do que isso, associou todos os “paraísos perdidos”, como o Jardim do Éden, o Jardim das Hespérides grego, o Olimpo ou Asgard, à lembrança da própria Atlântida, e as grandes civilizações da Antiguidade aos seus sobreviventes.

Donnelly influenciou outros autores a “descobrirem” antigas civilizações, como a ocultista e fundadora da Sociedade Teosófica Helena Blavatsky, que traçou em seu *A doutrina secreta* (1888), uma longuíssima

ancestralidade da humanidade, passando pela Lemúria, mítico continente afundado no oceano Pacífico, e pela Atlântida. James Churchward retomou o tema da Lemúria em 1926, em bases pretensamente mais “científicas” que Blavatsky. Mas ambos tiveram em comum o recuo no tempo ainda maior para a “humanidade antes da humanidade” e a alegação de que seu desenvolvimento tecnológico e psíquico seria maior do que aquele do momento em que escreviam.

Convém lembrar, por fim, que o momento em que escreviam Donnelly, Blavatsky e mesmo Churchward coincide aproximadamente com a publicação da obra clássica de Sir James Frazer, *O ramo dourado* (1890), na qual o autor defende a origem comum de todas as religiões modernas em um primitivo culto de fertilidade. Infere-se desse fato que ideias hiperdifusionistas, ou seja, que defendiam haver um pano de fundo comum à construção de todas as sociedades, eram correntes e relativamente bem-aceitas pela sociedade culta da época.

Após a Segunda Guerra Mundial, o engenheiro austríaco Otto Muck retomou o tema da Atlântida, porém buscando comprovação científica para o relato de Platão. Em 1954, ele publicou *O fim da Atlântida*, em que apresentava a teoria de que o mítico continente teria sido destruído pela queda de um asteroide no oceano Atlântico. O livro de Muck impressiona pela riqueza de detalhes e cálculos, bem como pela utilização de teorias científicas, que ainda não eram completamente aceitas quando ele o escreveu, como a deriva continental. Além de determinar o tamanho, a massa, a velocidade e a trajetória do asteroide, que teria causado o afundamento da ilha-continente no Atlântico, ele chega a precisar a data e hora exatas da queda: 8 da manhã do dia 5 de junho de 8498 a.C., e a demonstrar matematicamente que, como disse Platão, bastaria um dia e uma noite para que a Atlântida afundasse após o impacto.

Estudos posteriores, especialmente a partir de imagens de satélite e melhores mapeamentos do fundo dos oceanos, desbancaram o que Muck apontava como evidências físicas para a sua teoria. O engenheiro, no entanto, teve o mérito de, ao contrário de seus antecessores e sucessores, não elaborar teorias fantásticas sobre a civilização atlante, limitando-se a afirmar que a catástrofe poderia ser a origem dos diversos “dilúvios” presentes nas mitologias de inúmeros povos.

O livro do engenheiro austríaco teve pouco impacto à época que foi lançado. Apesar disso e dos conhecimentos que jogavam por terra sua teoria, na virada dos anos 1960 para os 1970, o surgimento de diversas novas publicações e autores que questionavam o passado da humanidade, de forma bem menos crítica que Otto Muck, levaram a várias reedições póstumas de sua obra. Esses novos livros que questionavam a Antiguidade,

no entanto, traziam uma característica: a “humanidade antes da humanidade” poderia, afinal, não ser efetivamente humana, mas sim de origem extraterrestre.

2 Os visitantes das estrelas

A segunda categoria de livros à qual nos referimos no início do tópico anterior – aquela que apresenta o passado da humanidade, como consequência direta de contatos com seres extraterrestres – tem seus antecedentes mais difíceis de rastrear. Obviamente, quase todas as tradições religiosas do mundo tratam, de alguma forma, exatamente deste assunto: a existência de uma (ou várias) inteligências superiores não terrenas, que criaram a humanidade e interferiram no seu destino. Fora mesmo do âmbito das religiões, existem relatos de “contatos” desde a Antiguidade, que perpassam o medievo e a história moderna e contemporânea, mormente interpretados como relatos de encontros com demônios, anjos ou estranhos seres de origem desconhecida. No entanto, sua associação direta com a suposta influência de civilizações alienígenas, no rumo do desenvolvimento humano, se mostra bastante recente.

Talvez o primeiro autor a fazer essa associação, fora do âmbito das religiões, tenha sido o escritor norte-americano Charles Fort que, em 1919, publicou uma obra que se tornaria influente e notória, chamada *O livro dos danados*. Fort era um voraz colecionador de notícias estranhas ou inexplicáveis, que recolhia de publicações científicas, jornais e revistas, e é considerado pioneiro da ideia de que estranhas aparições no céu poderiam ser de origem extraterrestre. Uma boa parte de suas teorias parecia não ser levada a sério nem mesmo por ele próprio, mas seu trabalho influenciou diversos escritores, tanto contemporâneos seus quanto os que o sucederam. Em *O livro dos danados*, Fort afirmava:

Penso que somos propriedade de outrem. Direi que pertencemos a alguma coisa:

Que certa feita essa Terra era uma Terra de Ninguém e que outros mundos a exploraram e a colonizaram, e combateram entre si para obter sua posse, mas que atualmente é possuída por alguma coisa. [...] Ninguém, nos nossos tempos, talvez porque estou pensando em apuntes que tenho em minha posse, jamais apareceu nessa terra proveniente de qualquer outro lugar, com a mesma evidência com que Colombo desembarcou em San Salvador, ou como Hudson navegou seu rio. (FORT, 1978, p. 157).

E, logo adiante, prossegue:

Os habitantes de uma coorte de outros mundos caíram aqui, saltaram lá, flutuaram, velejaram, voaram, guiaram, caminharam cá embaixo, por seja qual for o motivo, quer tenham sido atirados, lançados, quer sozinhos quer em grupos enormes, que fizeram visitas ocasionais ou periódicas para caçar, para comerciar, para sortir seus haréns, para cavar minas, que não foram capazes de ficar aqui, que fundaram colônias, que foram perdidas, gente ou coisas muito evoluídas [...]. (FORT, 1978, p. 158).

Podemos dizer, portanto, que Fort foi o precursor da ideia de termos sido visitados por alienígenas na Antiguidade – dezenas de anos antes que a própria expressão *discos voadores* tivesse sido cunhada – e, além disso, de que essa visitação teria se dado por diversos “povos ou coisas” distintas, e que um deles estabelecera sua “posse” sobre nós, o que, em outras palavras, significa dizer que determinaram o nosso destino. Associa ainda determinados vestígios arqueológicos a esses visitantes:

Encaramos os gigantes como ocasionais visitantes da Terra. Naturalmente... Stonehenge é um exemplo. Pode ocorrer que, com o passar do tempo, sejamos forçados a admitir que são os restos de muitas grandiosas habitações de gigantes nesta Terra e que seu aparecimento por aqui foi mais que casual. (FORT, 1978, p. 160).

Além do livro do próprio Fort, o escritor norte-americano Jason Colavito nos aponta outra segura influência no desenvolvimento da ideia de a humanidade ter sido visitada – ou mesmo criada – por seres extraterrestres: a obra do conhecido contista H. P. Lovecraft, em especial o ciclo de contos que ficou conhecido como *O mito de Cthulhu*. Segundo Colavito (2011, p. 6), Lovecraft “tomou a idéia de um panteão de deuses antigos e os transformou num grupo de alienígenas que desceram à Terra num passado distante”.

Lovecraft, em seus contos, teria introduzido e constantemente elaborado a ideia de uma ou mais hordas de conquistadores espaciais, ocupando a Terra durante eras e deixando o legado de construções ciclópicas, uma tecnologia considerada “mágica”, a escrita, o conhecimento astronômico e as artes. Estes não seriam, no entanto, benevolentes visitantes das estrelas, mas sim seres indiferentes aos homens, que teriam criado estes últimos para “usá-los como comida ou entretenimento”. (COLAVITO, 2011, p. 7).

Mas a obra que influenciou definitivamente toda uma geração de escritores surgiu em 1960, através do encontro de um russo e de um belga, ambos residentes na França: trata-se de *O despertar dos mágicos*, de Jacques Bergier e Louis Pauwels. Nesse livro, que rapidamente se tornou um *best-seller*, os autores não apenas revisitavam a teoria dos “antepassados superiores”, como igualmente expunham como válida a hipótese de a Terra ter sido visitada diversas vezes na Antiguidade por seres de outros planetas:

Não nos recusamos a admitir visitas de habitantes do exterior, civilizações atômicas desaparecidas sem quase deixar vestígios, etapas do conhecimento e da técnica comparáveis à etapa presente, vestígios de ciências submersas em diversas formas daquilo a que chamamos esoterismo, e realidades operativas naquilo que colocamos na categoria de práticas mágicas. (PAUWELLS; BERGIER, 1980, p. 112).

Suas afirmações, como era de se esperar, foram apoiadas por muitos dados pseudocientíficos e suposições baseadas no trabalho de “pesquisadores” nada ortodoxos, o que, por si só, passou a constituir a tônica das obras que neles se inspiraram. Expressões como “hoje sabemos” ou “hoje conhecemos” são comuns, mas a fonte nunca é citada, ao passo que as opiniões da ciência oficial são consideradas uma espécie de “camuflagem”, para conhecimentos que deveriam ser mantidos ocultos:

Hoje sabemos que os Faraós depositaram nas pirâmides os resultados de uma ciência da qual ignoramos a origem e os métodos. Ali se volta a encontrar o número δ , o cálculo exato da duração de um ano solar, do raio e do peso da Terra, a lei de precessão dos equinócios, o valor do grau de longitude, a direção real do Norte, e talvez muitos outros dados ainda por decifrar. De onde vêm estas informações? Como foram obtidas? Ou transmitidas? E, nesse caso, por quem? (PAUWELLS; BERGIER, 1980, p. 107).

Bergier e Pauwels, portanto, lançaram, em *O despertar dos mágicos* e nos diversos exemplares da revista *Planète*, que editavam em conjunto, todo o arsenal de provas (e mitificações) que seriam revisitadas pelos seus sucessores. Vitrificações no deserto de Gobi causadas por explosões atômicas, inscrições em cavernas representando as estrelas, como há 13 mil anos, nas quais Vênus estaria ligado à Terra por linhas; os mapas de Piri Reis – “traçados a partir de observações feitas a bordo de um engenho

voador ou espacial” (PAUWELLS; BERGIER, 1980, p. 114) –, as linhas do planalto de Nazca, o Popol Vuh maia, descrevendo uma civilização que conhecia as nebulosas e todo o Sistema Solar, e assim por diante.

Depois do sucesso da obra de Bergier e Pauwels, diversos outros autores, muitos deles franceses e, em seguida, de outras nacionalidades, se aventuraram no tema. Robert Charroux, em 1963, publicou um livro com o título nada modesto de *A história desconhecida dos homens desde há 100 mil anos*, e empenhou-se em “descobrir” diversos mistérios inexplicáveis no passado da humanidade, nessa obra e nas que se seguiram. Louis Charpentier atribuiu as construções megalíticas francesas a uma raça pré-humana de gigantes, de origem desconhecida, em *Os gigantes e o mistério das origens*, de 1969. Os jornalistas brasileiros Luiz Carlos Lisboa e Roberto Pereira de Andrade, também em 1969, publicaram uma coletânea de ensaios sobre os mesmos temas: *Grandes enigmas da humanidade*. O famoso escritor estadunidense L. Sprague de Camp, juntamente com sua esposa Catherine, perseguiu o tema, embora de forma mais comedida, com seu *Ancient ruins and archaeology*,² de 1964. O próprio Bergier, em 1970, insistiu no tema de forma mais veemente e menos revestida de ocultismo em *Os extraterrestres na história*.

No entanto, foi um livro publicado originalmente na Suíça, em 1968, e que se tornou o livro mais vendido na Alemanha ocidental, no final do mesmo ano, que praticamente enterrou a teoria dos “antepassados superiores”, ainda presente nas obras citadas, e lançou em grande estilo para todo o mundo a teoria dos “antigos astronautas”. Traduzido para o inglês, teve três edições diferentes esgotadas entre 1969 e 1971 nos EUA. Trata-se de *Chariots of the gods*, que recebeu o título em português *Eram os deuses astronautas?* E teve sua primeira edição no Brasil em 1969. Seu autor, Erich von Däniken, era um modesto gerente de hotel suíço, obcecado por arqueologia e sua ligação com a religião.

Em 1973, um documentário da NBC, baseado no livro lançou Däniken ao estrelato. Por volta de 1980, mais de 34 milhões de cópias do livro haviam sido vendidas em todo o mundo, e a controvérsia gerada pela obra crescia proporcionalmente, ao mesmo tempo em que milhões de seguidores aderiam às ideias de Däniken. Curiosamente, o argumento central e as “evidências” apresentadas pelo autor eram basicamente os mesmos já presentes nas obras citadas de Bergier e Pauwels e, especialmente, de Robert Charroux, fato que quase lhe rendeu um processo por plágio. Na sua obra *The space gods revealed*, de 1977, o professor Ronald Story dá algumas sugestões para a popularidade obtida por *Eram os deuses astronautas?*:

[A redação original] se deu em 1966, o mesmo ano em que o movimento “Deus está morto” surgia. Este também foi o ano de publicação de *Intelligent Life in the Universe*, uma obra magistral dos astrônomos I. S. Shklovskii da URSS e Carl Sagan dos EUA. Este livro continha muitas ideias que foram mais tarde expressas (apesar que algumas de forma distorcida) em *Eram os Deuses*; isso pode bem ter dado a Däniken a ideia genial de prover ao mundo um novo conjunto de deuses a serem adorados, para repor a divindade tradicional, morta pelas canetas venenosas dos teólogos contemporâneos. Shklovskii e Sagan deram uma credibilidade relativa à ideia de que visitas extraterrestres à Terra poderiam ter acontecido muitas vezes, antes e depois do advento do *Homo sapiens*. No entanto, os exemplos dados por eles eram claramente rotulados como possibilidades, e não faziam nenhuma afirmação que a Terra fora colonizada uma tripulação de intrometidos deuses cósmicos. (STORY, 1977, p. 3-5).

Aliás, o próprio Carl Sagan, em seu prefácio à obra de Story, se referia ao fato de que em quase todas as suas palestras sobre a possibilidade de vida extraterrestre, ele recebia alguma pergunta sobre os trabalhos de Däniken e complementava:

Não conheço nenhum livro recente tão cheio de erros lógicos e fatuais quanto as obras de Däniken. Uma leitura cuidadosa de *Eram os Deuses astronautas?* [...] com um bocado de ceticismo razoável pode fazer um bem substancial numa sociedade que é diariamente levada a acreditar em declarações ainda mais implausíveis do que aquelas de Erich von Däniken. (STORY, 1977, p. xii-xiii).

Apesar dessas críticas terem sido publicadas menos de 10 anos após o lançamento do livro, a teoria dos “antigos astronautas” continuou angariando milhares de adeptos em todo o mundo, como comprovam as vendagens substanciais de outras obras sobre o assunto, tanto do próprio Däniken como de alguns de seus fervorosos defensores, como o jornalista Giorgio Tsoukalos e o escritor David Childress. Em 1974, o aclamado linguista Charles Berlitz lançou seu *best-seller O triângulo das Bermudas*, onde misturava Atlântida e visitas extraterrestres e, 10 anos depois, retomou o tema em *Atlântida, o oitavo continente*. Já em 1979, o escritor e jornalista espanhol J. J. Benitez publicou *O Enviado*, livro que suscitou, a partir de 1984, a série *Operação Cavalos de Tróia*, sucesso mundial de vendas. Nessas obras, ele retratava Jesus como um extraterrestre e afirmava que nada daquilo que escrevia se tratava de ficção. Atualmente, diversos canais

de televisão, incluindo alguns supostamente dedicados a história, exibem regularmente os episódios da série *Alienígenas do passado*, na qual Däniken e Tsoukalos são presença constante.

Voltando a Carl Sagan, ele afirma que a popularidade dessas obras

[...] deve, penso eu, ter origem teológica. Nossos tempos são muito perigosos. A relevância direta das religiões tradicionais para os problemas contemporâneos não é tão óbvia quanto foi um dia. Justamente neste momento surge a sedutora doutrina que criaturas todo-poderosas, oniscientes e benevolentes vieram do céu no passado e um dia no futuro retornarão para nos salvar de nós mesmos. (STORY, 1977, p. xiii).

Não discordo completamente de Sagan e Story, mas suponho haver elementos históricos, sociais e culturais específicos, que levaram ao surgimento, à popularização e à longevidade dessas teorias. É essa análise que farei a seguir.

3 Realismo fantástico: uma análise histórico-social

Tanto a teoria dos “antepassados superiores” quanto a dos “antigos astronautas” apoiam-se em duas suposições basilares: em primeiro lugar, que nossos antepassados não possuíam os meios e o conhecimento técnico e científico – ou sequer a imaginação – necessários para nos terem legado construções ciclópicas e testemunhos em forma diversa de sofisticadas sociedades. Em segundo lugar, que a ciência oficial omite aqueles fatos para os quais não encontra explicação; é incapaz de obter explicação para determinadas questões, ou mesmo oculta resultados já obtidos para manter o conhecimento de determinados assuntos como um privilégio de poucos.

Ambas as suposições desmoronam diante de qualquer pessoa minimamente interessada em ciências. Arqueólogos, paleontólogos e cientistas das mais diversas áreas já demonstraram cabalmente como foram erguidas as pirâmides de Gizé, as muralhas de Tiahuanaco, o templo de Baalbek, o complexo megalítico de Stonehenge; como foram desenhadas as linhas do deserto de Nazca ou as fantásticas figuras de animais nas cavernas de Lascaux, entre tantos outros exemplos citados pelos escritores do “realismo fantástico”. Embora existam cientistas trabalhando em laboratórios altamente secretos, envolvidos em projetos governamentais cercados de sigilo, a ciência, de forma geral, não é feita como uma conspiração de mentes privilegiadas *controladas* por algum governo, mas

sim como uma comunidade livre, que compartilha suas deduções e descobertas através de artigos publicados em revistas científicas, que são controladas apenas por pares (colegas de profissão) e distribuídas livremente.

Assim sendo, qualquer pessoa que assista apaixonadamente à série *Alienígenas do passado* em algum canal de TV, tem também acesso a vários outros documentários que apresentam a ciência como ela realmente é, e os nossos antepassados como eles realmente foram. Mas nesse ponto estou falando de tempos atuais...

Voltemos, portanto, à década de 1970. A suposição de que nossos antepassados teriam sido incapazes de produzir as “evidências” citadas pelos autores do realismo fantástico na defesa de suas teorias é, basicamente, racista. Excetuando-se os alinhamentos megalíticos da Europa ocidental, como Carnac e Stonehenge, quase todas as obras que surgem nos livros desses autores, como legados de uma “humanidade anterior à nossa” ou como “evidência de visitas alienígenas”, situam-se na África, na Ásia, na América do Sul ou mesmo na Oceania. Ou seja, admitir a possibilidade de que povos nativos de regiões então consideradas “Terceiro Mundo” pudessem, há milhares de anos, ter desenvolvido técnicas e acumulado conhecimentos comparáveis ou superiores aos dos povos europeus, era algo profundamente contrário à teoria da “superioridade branca”. Essa presunção de superioridade, no período ao qual nos referimos, começava a ser contestada, mas ainda era algo bastante presente no imaginário europeu e estadunidense. Na verdade, como afirma Silva,

era de se esperar que após a terrível experiência do Holocausto, [...] a busca de uma diferenciação, seja biológica, seja culturalista, entre os homens fosse definitivamente abandonada. Isso contudo não aconteceu. Muitos cientistas afastados de quaisquer princípios de pluralismo e tolerância, fixados numa resposta positiva para o fenômeno da violência, mesmo depois de 1945 (insistimos nisso!), mesmo depois de Auschwitz, acreditavam que a genética diferenciada dos homens deveria explicar a história. (2004, p. 13).

Portanto, ao contrário do senso comum, os anos que se seguiram ao final da Segunda Guerra Mundial não foram, de forma alguma, momentos em que foi repensada a biologização da história e a racialização da humanidade. Se estas últimas levaram aos atos criminosos cometidos durante a guerra pelos regimes fascistas da Europa, apenas a virada dos anos 1960 para os anos 1970 levaram à efetiva reação aquelas etnias relegadas à submissão, ao mesmo tempo em que uma nova doutrina, dita

“científica”, redefinia conceitos em relação à supremacia branca. Tratava-se da “etologia”, surgida na França e na Alemanha, a partir dos estudos do zoólogo Konrad Lorenz.

Para Lorenz, e seus seguidores, numa rejeição total da sociologia e da antropologia culturais [...] o comportamento humano, tal como o comportamento dos animais, é profundamente inato, sendo o espaço do conhecimento (e do comportamento) apreendido bastante irrelevante na formação da personalidade humana. (SILVA, 2004, p. 13).

Ainda segundo Silva, o exercício da vida coletiva, para tais pesquisadores, basear-se-ia em três grandes instintos, entre eles o de autoidentidade, “que manteria os iguais juntos e cooperantes, expulsando o diferente como de caráter *associal*, distinto e estrangeiro ao grupo, seja por suas características físicas, mentais ou culturais”. (SILVA, 2004, p. 14). Logo, a discriminação ou mesmo as práticas racistas seriam explicáveis por uma compulsão natural do ser humano, e a miscigenação seria contrária aos princípios da natureza. A resiliência dessa espécie de pensamento nos anos pós-Segunda Guerra Mundial, notadamente a hierarquização da humanidade em raças superiores e inferiores, cultural e intelectualmente, é demonstrada pela controvérsia que se seguiu ao lançamento da obra *The bell curve*, lançada já em 1994 pelo psicólogo Richard Herrnstein, em coautoria com o cientista político Charles Murray, na qual os autores pretendem demonstrar estatisticamente gradações de inteligência entre as diversas “raças” humanas. (HERRNSTEIN; MURRAY, 1994).

Diante do exposto, não é de se estranhar que os autores do realismo fantástico, que se propuseram a descrever os “antepassados superiores” ou mesmo os “antigos astronautas”, referiram-se a humanoides muito altos, de pele luminosa e cabelos claros e propuseram que as raças humanas atuais formaram-se a partir da decadência de tais criaturas, ao misturarem artificialmente seu DNA ao dos primitivos habitantes da Terra. Däniken, por exemplo, foi um dos responsáveis pela divulgação da teoria – bastante controversa – de que a divindade mesoamericana Quetzalcoatl seria representada como um homem branco, barbudo e de olhos claros, o que teria facilitado a conquista dos astecas pelos espanhóis. Em outras palavras, os responsáveis pelas construções majestosas da Antiguidade, pelos conhecimentos de astronomia, medicina, agricultura, etc., seriam os brancos superiores (quijá do tipo nórdico), ao passo que indígenas e negros, inferiores, seriam quando muito herdeiros decaídos, beneficiados por esses conhecimentos, sem terem a capacidade de compreendê-los perfeitamente.

A segunda suposição basilar do realismo fantástico – a desconfiança da ciência oficial – é ainda mais característica dos anos do pós-guerras, especialmente do período da Guerra Fria. A humanidade do século XIX, ou pelo menos aquela parcela da humanidade favorecida pelos avanços tecnológicos da Revolução Industrial, era marcada pela noção de *progresso*. Segundo essa noção, os avanços científicos e tecnológicos acabariam por levar a uma sociedade ideal, livre dos males que a assolavam há séculos, realizando uma nova utopia. O advento das duas guerras mundiais com um conturbado intervalo de 20 anos, repleto de conflitos locais, na primeira metade do século XX, jogou por terra essa noção.

Especialmente após a explosão das duas bombas atômicas sobre o Japão, em 1945, e dos testes com a bomba de hidrogênio, em 1952, ambos resultados de projetos científicos secretos, financiados pelos governos envolvidos, a ciência, antes tida como redentora, passou a ser olhada, no mínimo, com desconfiança.

Seguiu-se a isso a superexposição pela mídia dos relatos, a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, de observações de objetos voadores não identificados, rapidamente alcunhados de “discos-voadores”, que, ao invés de serem (até um certo ponto) encarados como manifestações paranormais, como no passado, transmitiam a certeza de que a Terra estava – ou continuava – sendo visitada por seres alienígenas, agora preocupados com os avanços tecnológicos humanos na arte da guerra e sua crescente capacidade de levar ao espaço esses avanços. O notório caso de Roswell, em 1947, inicialmente divulgado como a queda de uma nave espacial alienígena no Novo México, mas rapidamente desmentido pelas autoridades militares como a queda de um balão meteorológico,³ ajudou a formação de teorias de conspiração, nas quais autoridades civis, militares e científicas ocultavam deliberadamente o conhecimento de que seres de outros planetas monitoravam as atividades terrestres.

Paralelamente a isso, a exposição pela mídia, muitas vezes de forma equivocada ou distorcida, de avanços científicos datados do início do século, como o Princípio da Incerteza, de Heisenberg (1927), ou mesmo a Teoria da Relatividade, de Einstein (1905-1915), foram traduzidas pelo público leigo – que dificilmente compreendia os princípios e a matemática envolvida em tais teorias – como uma prova de que a ciência era algo não confiável, incerto, relativo. Confundia-se a pesquisa no mundo do infinitamente rápido ou infinitamente pequeno com os princípios razoavelmente claros da mecânica newtoniana, aprendida nas escolas de nível básico e facilmente aplicável no dia a dia.

Portanto, se a ciência moderna era “incerta” e “relativa”, se era controlada por autoridades governamentais e militares, não poderia mais ser um parâmetro para “explicar o mundo”, e explicações alternativas precisavam ser buscadas. Some-se a isso o medo – bastante premente entre fins da década de 1960 e toda a década de 1970, de uma aniquilação global causada pelo confronto das duas superpotências nucleares – e teremos o ambiente ideal para que prosperassem as teorias, de natureza cultista ou pseudocientífica, propondo uma “história paralela”, na qual a humanidade era vigiada por seus supostos criadores em seu próprio benefício, ou precisava trazer à luz uma Antiguidade remotíssima, na qual esses mesmos erros haviam sido cometidos, causando a destruição de continentes inteiros. No auge da época da Contracultura, era quase inevitável o surgimento de uma “contraciência” que, contestando o que dizia a ciência oficial, apresentasse uma visão mais palatável e mais fantástica de um mundo aparentemente mergulhado na sua própria destruição, e no qual o fantástico e o utópico pareciam deixar de ser plausíveis.

Como nos diz Carl Sagan, em sua obra *O mundo assombrado pelos demônios*,

durante a Guerra Fria, os cientistas nos Estados Unidos, na União Soviética, na China e em outras nações estavam dispostos a expor seus conterrâneos à radiação – na maioria dos casos, sem o conhecimento deles – a fim de se preparar para a guerra nuclear. Médicos em Tuskegee, Alabama, enganaram um grupo de veteranos fazendo-os crer que estavam recebendo tratamento médico para a sífilis, quando na verdade eram elementos de controle que não recebiam medicação. As crueldades atroz dos médicos nazistas são bem conhecidas. A nossa tecnologia produziu a talidomida, os CFCs, o agente laranja, os gases que atacam o sistema nervoso, a poluição do ar e da água, as extinções das espécies, e indústrias tão poderosas que podem arruinar o clima do planeta. Aproximadamente metade dos cientistas na Terra dedica parte de seu tempo de trabalho para fins militares. [...] Os perigos tecnológicos que a ciência apresenta, seu desafio implícito ao conhecimento recebido e sua visível dificuldade são razões para que as pessoas, desconfiadas, a evitem. (SAGAN, 1996, p. 26).

Dessa forma, a pseudociência surgiria como uma alternativa mais “interessante”, menos “perigosa” e mais cativante para o público leigo. Sagan, em seu notável esforço para divulgação da ciência, prossegue:

[A] superstição e a pseudociência estão sempre se intrometendo, [...] fornecendo respostas fáceis, esquivando-se do exame cético, apertando casualmente nossos botões da admiração e banalizando a experiência. [...] Sim, o mundo *seria* um lugar mais interessante se houvesse UFOs escondidos nas águas profundas, perto das Bermudas, devorando navios e aviões, ou se os mortos pudessem controlar as nossas mãos e nos escrever mensagens. Esses são exemplos de pseudociência. Eles parecem usar os métodos e as descobertas da ciência, embora na verdade sejam infiéis à sua natureza – frequentemente porque se baseiam em evidência insuficiente ou porque ignoram pistas que apontam para outro caminho. Fervilham de credulidade. Com a cooperação desinformada (e frequentemente com a conivência cínica) dos jornais, revistas, editoras, rádio, televisão, produtoras de filmes e outros órgãos afins, essas ideias se tornam acessíveis em toda parte. [...] Os padrões de argumentação, o que passa por evidência, são muito menos rigorosos. (SAGAN, 1996, p. 28-29).

Sagan sugere, o que é verdade, que é muito mais fácil apresentar a pseudociência ao público em geral do que a ciência. Eu diria que essa verdade se torna ainda mais presente se este público está assombrado pela lembrança de duas guerras e vendo pairar sobre a cabeça a perspectiva de uma terceira – que significaria a aniquilação total da humanidade.

Além disso, os autores do realismo fantástico da década de 1970 e seus seguidores haviam sido testemunhas do deslocamento dos eixos de poder, que haviam norteado a existência. A velha Europa não era mais o centro do mundo, seu império colonial desmoronava rapidamente, a religião cristã perdia terreno não apenas diante de outras religiões, mas sobretudo diante do capitalismo e do comunismo exacerbados. Diante desse cenário, teorias pseudocientíficas como a dos “antigos astronautas” ou dos “antepassados superiores” tinham o efeito de trazer de volta ao centro do universo o homem (especialmente o homem europeu), ao mesmo tempo em que o religava ao cosmos, fosse nas suas longínquas origens ou nos dias presentes.

Caberia, por fim, uma última reflexão. Embora não tenham hoje em dia o mesmo impacto nem atraíam o mesmo número de seguidores entusiasmados, como nas décadas de 1970 e 1980, as obras de autores como Erich von Däniken ainda têm seu público, como comprovam os fatos de que o próprio Däniken continua lançando, com boas vendagens, seus (repetitivos) livros e que assistimos as incessantes reprises de episódios da série *Alienígenas do passado* nas TVs a cabo. Qual o motivo disso?

Poderíamos argumentar que os motivos já foram expostos acima. O racismo ainda é um triste elemento presente nas mais diversas culturas. Se trocarmos o “medo nuclear” pelo “medo do terrorismo” ou as incertezas geradas pelo declínio da Europa por aquelas geradas por inúmeras crises do capitalismo, em um mundo definitivamente globalizado, já teríamos elementos suficientes. No entanto, gostaria de propor mais um argumento.

Um dos últimos livros de Däniken, publicado em 2009, tem um título significativo: *A história está errada*. Se observarmos criteriosamente as obras que citamos ao longo deste artigo, veremos que elas não simplesmente desmentem, distorcem ou mitificam descobertas de paleontólogos, arqueólogos e outros cientistas que trabalham com métodos, em grande parte, considerados como *exatos*: datações por carbono 14, tecnologia forense de última geração, técnicas que permitem identificar até mesmo do que um determinado povo se alimentava, centenas ou milhares de anos atrás, e assim por diante.

Na verdade, o que essas obras procuram modificar, reescrever, deturpar, é a *história*. E a história, para a maioria das pessoas, ou seja, para aqueles que não são historiadores, não é uma ciência. Para alguns, é uma mera coletânea de dados escolhidos ao acaso em documentos empoeirados. Para outros, são meras suposições pessoais, ou mesmo *convicções* pessoais, relatadas ao bel-prazer que quem escreve. Para quase todos, o trabalho do historiador é semelhante ao do jornalista: descrever “fatos” conforme se supõe que tenham acontecido, e não por acaso livros de história escritos por jornalistas (que costumam ter um melhor domínio da linguagem coloquial) fazem bastante sucesso.

No entanto, a história é uma ciência. Ela possui um método próprio, paradigmas que controlam aquilo que pode e aquilo que não pode ser afirmado, a partir de vários tipos de evidências e com o auxílio de vários outros ramos do conhecimento. Há mais de um século, a História não se dedica unicamente a narrar acontecimentos, mas sim a analisá-los em seus mais variados aspectos. Historiadores são cientistas e, como tal, fazem parte de uma comunidade acadêmica que se autorregula: o que é escrito por um é analisado, corroborado ou contestado por vários, assim como em outros ramos da ciência.

Infelizmente, porém, a visão que a maioria das pessoas tem da História é aquela adquirida nos livros didáticos do ensino básico, que muitas vezes sequer são escritos por historiadores profissionais: uma visão bidimensional, descritiva, não analítica e, em muitos casos, parcial. Dessa forma, não é de se estranhar que uma apresentação mais vívida, aparentemente mais indagativa, mais imaginativa e, principalmente, mais romântica do passado, tenha atraído, e ainda atraia, milhares de seguidores.

Referências

- BENITEZ, Juan J. *O Enviado*. São Paulo: Nova Era, 1994.
- BERGIER, Jacques. *Os extraterrestres na história*. São Paulo: Hemus, 1981.
- BERLITZ, Charles. *O triângulo das Bermudas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.
- _____. *Atlântida, o oitavo continente*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- BLAVATSKY, Helena P. *A doutrina secreta*. São Paulo: Pensamento, 1973.
- CHARPENTIER, Louis. *Os gigantes e o mistério das origens*. Lisboa: Bertrand, 1974.
- CHARROUX, Robert. *A história desconhecida dos homens*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- CHURCHWARD, James. *O continente perdido de Mu*. São Paulo: Hemus, 1972.
- COLAVITO, J. *The origin of space gods*. Jason Colavito: 2011. Disponível em: < <http://www.jasoncolavito.com/free-ebooks.html> > . Acesso em: 20 mar. 2017, tradução nossa.
- DÄNIKEN, Erich von. *Eram os deuses astronautas?* São Paulo: Melhoramentos, 1970.
- DE CAMP, L. SPRAGUE; DE CAMP, Catherine. *As cidadelas do mistério*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- DONNELLY, Ignatius. *Atlantis: the Antediluvian World*. New York: Dover Publications, 2011. (Tradução nossa).
- FORT, Charles. *O livro dos danados*. São Paulo: Hemus, 1978.
- FRAZER, James. *O ramo de ouro*. São Paulo: Guanabara, 1982.
- HERRNSTEIN, Richard J.; MURRAY, Charles A. *The bell curve: intelligence and class structure in American life*. New York: Free Press, 1994 (tradução nossa).
- LISBOA, L. C.; ANDRADE, R. P. *Grandes enigmas da humanidade*. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.
- MUCK, Otto. *O fim da Atlântida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.
- PAUWELS, L.; BERGIER, J. *O despertar dos mágicos*. Rio de Janeiro: Difel, 1980.

PLATÃO. *Timeu-crítias*. Trad. de Rodolfo Lopes. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.

SAGAN, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SILVA, Francisco C. T. (Org.). *O século sombrio*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

STORY, Ronald. *The space gods revealed*. New York: Barnes & Noble, 1977. Tradução nossa.